



# As Comunidades Eclesiais de Base e os partidos

*Consideradas um dos fenômenos políticos e sociais mais importantes dos últimos anos, as CEBs são analisadas por seus membros e pelos partidos*

No último dia 28 de julho a "Folha" promoveu no seu auditório um debate com o tema "As Comunidades Eclesiais de Base e os Partidos". Publicamos aqui um resumo das discussões, com o objetivo de tornar mais clara a posição dos partidos ante os novos eleitores (movimentos, grupos e tendências que surgiram nos últimos anos).

Para o professor José Augusto Guilhon de Albuquerque — que coordenou os debates — "é uma opinião mais ou menos geral a de que a constituição das Comunidades Eclesiais de Base significa um dos fenômenos políticos mais importantes, atualmente, já que significa a organização das camadas populares, com uma ampla participação de tipo sócio-econômico e político". Participaram da discussão os seguintes membros de CEBs: Maria Glória Sousa, da Freguesia do Ó, João Servilho Pereira (São Miguel), Jandira Ribeiro da Silva (Perus) e Rui Alves Grilo (Interlagos). Pelos partidos estiveram presentes Rogê Ferreira, ex-deputado federal e candidato a governador pelo PDT, José Gregori, ex-presidente da Comissão Justiça e Paz e candidato a deputado estadual pelo PMDB, Juscelino Silva Neto, do PT, e o padre José Luís Ávala, do PTB. Apesar de convidado o PDS não enviou representantes ao debate.

**Rui Alves Grilo (CEB):** O governo disse que está com a mão estendida, mas a gente vê que isso não acontece, a gente percebe que a mão não está estendida para as entidades populares. Temos sentido a intervenção nos sindicatos, e mesmo nas Comunidades de Base temos recebido pressões. E há o exemplo claro da Apeesp, que é uma entidade de professores que está sofrendo um violento boicote por parte do governo estadual. Então eu queria saber como os partidos se posicionam frente à questão da liberdade sindical e quanto à participação do povo no poder.

**Rogê Ferreira (PDT):** Eu considero tão importante este debate patrocinado pela "Folha" que cancelei uma série de viagens e aqui compareci, porque acho que as Comunidades de Base têm uma importância muito grande. Elas são a forma de conseguirmos a união, o trabalho conjunto de todos os setores. Eu já vivi uma experiência dessas no município de Osasco, através da administração popular. Houve tentativas em outros municípios, mas que infelizmente não foram adiante. Hoje eu estou aqui mais para aprender e sentir como funcionam as Comunidades do que para dizer alguma coisa. Não estou inteiramente à vontade porque não conheço totalmente uma Comunidade Eclesial de Base. Eu vim aqui para aprender.

**José Gregori (PMDB):** Bem, no meu caso particular, acredito que seria uma redundância prestar o meu respeito à propagação das Comunidades de Base em todo o Brasil, já que considero este fato um dos mais importantes no plano espiritual e no plano político, no sentido amplo da expressão, e

também do ponto de vista social. Acho que dificilmente encontraríamos no atual momento uma experiência, um início de caminhada mais rico e mais significativo do que o do movimento das Comunidades de Base. Acredito que elas, ainda que tenham primordialmente uma finalidade espiritual, porque elas são eclesiais, elas partem de pontos concretos e elas conscientizam politicamente, elas habilitam a pessoa a fazer uma análise e um posicionamento político. É por isso que, não por coincidência, a primeira pergunta é uma cobrança a respeito da participação da maioria, vale dizer da participação popular nas decisões. Ninguém nesta sala, seja na plateia ou na mesa, por exemplo, foi consultado sobre uma decisão fundamental para a nossa vida e a vida de nossos filhos, que foi a opção pró-energia nuclear que o sistema governamental brasileiro fez há alguns anos atrás. Considero que os partidos, e principalmente os da oposição, devam ter um papel, tentando abrir esse processo decisório.

## O princípio da fé

**Juscelino Silva Neto (PT):** Eu acho da maior importância o papel das Comunidades Eclesiais de Base. E isso porque eu tenho o maior prazer em afirmar que sou membro de uma CEB. Não estou aqui em nome da Comunidade de Base, estou aqui em nome do PT, mas considero que um dos movimentos mais democráticos que existe é o das CEBs, porque ela respeita a opção de cada um dos seus militantes. A Comunidade continua tendo sua autonomia, e os militantes podem optar por este ou aquele partido. Nós do Partido dos Trabalhadores defendemos a livre organização e até incentivamos as mais variadas formas de organização da sociedade, sejam elas no campo popular ou no sindical. O povo tem que se organizar da forma que mais lhe convém. No caso das CEBs o primeiro princípio é a fé e o segundo o respeito à pessoa, porque não acreditamos na fé sem a pessoa. Eu fiz uma opção política porque achei que a minha opção estava mais ou menos coerente com o que eu vinha refletindo nas Comunidades de Base, que é a defesa do ser humano contra qualquer tipo de discriminação. E também porque nós do PT achamos que a sociedade tem que mudar, e acreditamos que só os trabalhadores têm condições de mudá-la.

**José Luís Ávala (PTB):** Em primeiro lugar eu queria falar porque estou aqui, pois o meu sotaque não é de brasileiro. Eu nasci no País Basco, em Bilbao, e vim para o Brasil no tempo da chamada revolução de 1964, e resolvi naturalizar-me. Sou

mais brasileiro que vocês, pois todos vocês são brasileiros de nascimento, e eu sou brasileiro porque quis. Em segundo lugar eu queria fazer uma homenagem ao cardeal Agnelo Rossi, que foi o iniciador do movimento das Comunidades Eclesiais de Base aqui no Brasil. Quanto ao que pensa o Partido Trabalhista Brasileiro a respeito da liberdade sindical e da participação do povo na administração pública, o que tenho a dizer é o seguinte: o PTB acredita que o valor principal e máximo numa sociedade é o homem, que tem que ser respeitado e valorizado dentro do contexto real de ser humano livre. Todos têm que ser respeitados: não só o que tem o poder econômico, mas também aquele que tem o poder de pessoa. Nós estamos vivendo uma situação muito curiosa, uma aventura política com uma ditadura administrativa, com uma ditadura educacional e com uma ditadura sindical. Por isso nós estamos fazendo uma revolução através do voto, para impor uma liberdade sindical e fazer também com que o povo não seja ouvido somente no momento da eleição, mas seja ouvido em todos os momentos, para que participe das decisões administrativas dos municípios e da Nação.

**Jandira Ribeiro da Silva (CEB):** Eu queria falar sobre o que está acontecendo realmente, pois política é a participação na vida do País. Na época das eleições os partidos prometem muitas coisas, mas depois tudo muda, com os "pacotes" que só beneficiam os que estão lá em cima. Depois das eleições as coisas mudam, e o que foi prometido não é cumprido. A Igreja é o povo, as Comunidades de Base são o povo e nós das Comunidades estamos preocupados com a participação política do povo, procurando assim orientar não apenas na época das eleições, mas também depois. Por isso eu queria que os partidos se posicionassem com relação aos problemas que estão acontecendo, e não apenas para dizer que é bonito o que estamos fazendo.

## Compromisso permanente

**José Gregori (PMDB):** Eu acho que essa análise a respeito da participação, digamos esporádica, dos partidos políticos na vida nacional, essa participação que se exacerba na época eleitoral e depois ela praticamente desaparece, isto é uma constante na vida brasileira. Os partidos no Brasil sempre tiveram uma taxa de participação muito pequena. Entretanto, há cerca de dois anos estamos vivendo uma nova etapa, de reorganização partidária. Portanto, os partidos atuais, em grande medida, respondem ao que tem acontecido nesses últimos tempos. Agora, como se corrige isto? O que se tem que fazer para que realmente exista



Ilustração européia sobre a América Latina do século 18.

anos 30 ou 40, na medida em que nossos críticos, pensadores e autores conhecem a cultura européia, seria de se esperar que o diálogo cultural entre Alemanha e América Latina fosse fácil. Afinal, dentre as questões levantadas estavam arte, literatura, estética, fome, opressão, censura, que são universais. Viu-se na mesa-redonda de nome "Diálogo Norte-Sul" que de diálogo havia apenas um esforço e uma tentativa. Os participantes da mesa falaram, mas a comunicação se deu, no dizer de Darci Ribeiro, como em arena de circo, em que os animais e palhaços se apresentam para que o espetáculo seja bonito, colorido e divertido. Esperando ter sido "uma mancha do pêlo do leopardo do circo", Darci Ribeiro se despediu. Durante os trabalhos da mesa, por um lado Gunther Grass constatava a falta de palavras e o desamparo dos alemães, os quais só teriam a oferecer, para outros povos, as suas ruínas arquitetônicas e culturais. Por outro lado, Darci Ribeiro, em face da realidade econômica e social da América Latina, dizia: "Precisamos de uma mutação, de uma revolução: impedir o passado de construir o futuro." "Para a vida ter gosto precisamos de uma ideologia, de uma utopia. Tenho uma utopia pela qual luto. É uma ideologia. A ideologia é a vida. Não morreremos de tédio na América Latina." Definindo melhor sua utopia, Darci Ribeiro acrescentou: "Interromper a história significa proscriver a classe dominante. Significa proibir os interesses da classe dominante." Se na mesa os discursos foram paralelos e terminaram na perplexidade, se o que os autores latino-americanos esperavam era que a Alemanha deixasse de produzir e fornecer armamentos para as guerras espalhadas pelo mundo (como enunciou Osvaldo Baier), a crítica esperava sobretudo uma literatura e um teatro engajados. Não apenas engajados, mas que tratassem fundamentalmente de tortura e repressão. A fome, a miséria, a destruturação familiar de origem sócio-econômica pareceriam não oferecer o mesmo magnetismo. E muito menos problemas de ordem estética. "Grass: o importante na América Latina é a literatura", disse Darci Ribeiro. "Espelho e totalidade. Instrumento e identificação com o que é a situação latino-americana."

Mas será que quando os latino-americanos falam de suas realidades, os europeus entendem exatamente aquilo que está sendo dito? O engajamento esperado pela crítica alemã, pelo menos por parte dela, foi talvez o de ver na literatura e no teatro o retrato da miséria latino-americana. A literatura latino-americana tem a possibilidade de enunciar, uma realidade que, por ser clara e transparente, pode ser delineada com traços fortes. A miséria, a fome, as carências européias estão no passado. A tortura (e os campos de concentração) também. É como se houvesse um certo alívio em

ver voltar alguns temas, que, ainda que possam ser tratados também na Europa, tornaram-se ali tão sutis, enquanto realidade, tão indiferenciados do bem-estar, da segurança social, que provocam anseios de volta dos limites maniqueizados e maniqueizantes. Lá (isto é, na América Latina), há Bem e Mal; inocentes e culpados; vítimas e algozes. Ferreira Gullar resumiu: "Opor-se à ditadura é fácil."

Não se explicaria, assim, um problema enunciado por Klaus von Bismarck? "Através dos grandiosos romances do boom, (...) este gigantesco continente de fala espanhola e portuguesa, em seus traços fundamentais, podia ser-nos muito mais conhecido do que realmente o é. Depois de um entusiasmo inicial das editoras notou-se rapidamente que o interesse pela América Latina nas camadas mais amplas dos leitores não era em verdade tão profundo como se esperava." A falta de interesse posterior ao boom se explicaria porque o boom teria correspondido ao interesse de intelectuais e editores que encontravam na literatura latino-americana os campos sociais e políticos facilmente delimitados?

## A parte social

Segundo me informou Berthold Zilli (professor do Instituto Latino-americano da Universidade Livre de Berlim) há uma parcela do público leitor que gosta, por exemplo, de Guimarães Rosa porque não vê em seu misticismo, em sua busca da transcendência, outra coisa: a parte social. Estes leitores confundiriam os conceitos de Blut und Boden ("Sangue e terra" — parte da ideologia nazista, que estava calcada na relação de pureza do indivíduo com o seu solo) com o telurismo. Na medida em que vêm os conflitos entre ordem e desordem, na medida em que, com ou sem engajamento, descobrem que a família latino-americana ainda não está desintegrada (conhece-se pouco ou nada Nelson Rodrigues, por exemplo — e mesmo ele traça no quadro de desintegração da família, os moldes e expectativas da família ideal), na medida em que a mulher ainda é submissa, ainda existe a instituição do casamento e outras deste tipo, o leitor acreditaria que lá, (na América Latina) o mundo ainda está em ordem. Lá, existiriam ainda valores. Valores tais como contar uma história, quando na Europa (França) houve o nouveau roman e a desintegração da história romanesca. Lá é o paraíso perdido. O boom, o interesse, se explicaria, então, como reação de fuga dos problemas europeus.

Acontece que a América Latina também não é isto — nem o contrário disto. Já a falta de distinção entre os diferentes países e regiões da América Latina impedem a compreensão do que caracteriza especificamente cada um dos países, cada uma das regiões, tanto sócio-econômica-politicamente, como do ponto de vista cultural.

No Brasil a abertura política trouxe a divisão da intelectualidade, disse Ferreira Gullar. As nuances desta divisão não podem ser distinguidas se não se tem em mente a divisão. Uma ampla distinção em termos de Brasil foi dada por Darci Ribeiro, que definiu dois "bandos": 1 — os que não gostam do país como ele é e se revoltam com a miséria; 2 — os que estão contentes com o país tal qual está.

Na busca de definição da tarefa do intelectual brasileiro, e de um espaço para a sua atuação, Darci Ribeiro mencionou duas mazelas: os brazilianistas e os "papagaios" ("intelectuais que fizeram seus estudos na França e citam, citam, citam"). Será que ficou claro para o público que nesta situação o que importa é a capacidade de organização de cada grupo, entendido como parcela das camadas populares?

Parece também que não chegou a ser entendida a colocação das literatas. Falaram da literatura que se apóia em uma base de educação e cultura popular; na multiplicação das criaturas desprovi-

das de direitos; nos livros desmistificadores, como o de Domitila; na necessidade de falar e escrever para explicar o incompreensível e para que fique pelo menos um registro da existência dos "condenados da terra". Neste sentido a literatura se apresenta como necessidade e como busca (como o disse Octavio Paz): busca de linguagem, de palavra e de registro do incompreensível que é a realidade, uma realidade que não é unívoca, portanto não isenta de contradições e que é mais formadora do que as idéias impostas: "É a vida que faz a nossa cabeça", disse Ferreira Gullar.

## Novos estímulos

Dentre os mal-entendidos figura o que disse José Guilherme Merquior, cuja fala, na medida em que não mencionou a Semana de Arte Moderna (ele se propôs a falar sobre o modernismo no Brasil) nem explicou quem foram, quando escreveram e que importância tiveram Mário e Oswald de Andrade, informou ao público alemão que o modernismo brasileiro vai de 1930 a 1950, sendo ele plebeizante e hermético.

Ou ainda, dentre os mal-entendidos pronunciados por Ronald Daus em sua abordagem sobre Jorge Amado, transcrevo, traduzidos, alguns trechos: "...e entretanto foi efetivamente possível irradiar a história de uma de suas personagens, a mulata Gabriela, em uma telenovela de mais de 200 capítulos, por uma emissora de TV norte-americana, que tem um nome indígena, a TV Tupi (...). Esta mistura de modernismo e regionalismo, marxismo e sentimentalismo, culto aos negros, aos proletários, mistura de uma literatura com maiúscula, folclore e lixo, de um aberto horizonte abrangente, de uma comédia humana brasileira de tendenciosidade consciente — aqui na obra de Jorge Amado mesclam-se não só vida e literatura, mas para aqui também são atraídas as barreiras de outras artes. (...) Esta cooperação multifacética se constituiu a partir de mais ou menos 1965 numa das características mais importantes da cultura brasileira atual. (...) O Teatro de Arena de São Paulo, por exemplo, apresentou peças teatrais sobre a luta de libertação dos escravos brasileiros, em que um conjunto de bossa nova e os atores, os quais também eram autores, estavam em cena simultaneamente: figuras históricas em jeans.

Chico Buarque, cantor de sucessos, poeta de protesto e empresário musical, encontra-se em uma linha semelhante."

Brandão apontou para outro mal-entendido: "O Brasil foi descartado como continente à parte, do qual não sealaria. E o Brasil também é parte da América Latina." O mal-entendido, no caso, não foi só alemão. Os hispano-americanos se mencionavam mutuamente, mas não lhes ocorriam nomes de autores brasileiros (salvo Vargas Llosa, que fez um resumo interpretativo e apaixonado de "Os Sertões"). Pressupunha-se como natural que os brasileiros entendessem espanhol, mas não se admitiu a possibilidade inversa.

Resta saber até que ponto o que vimos e ouvimos efetivamente representa a América Latina — e o Brasil — e a Alemanha. Até que ponto as escolhas foram feitas ao sabor do acaso, ou provocadas pelas editoras alemãs, que já haviam lançado os seus autores a partir dos anos 70 (Guimarães Rosa foi traduzido antes disto). E até que ponto esta não é a sina de todo e qualquer festival, que não consegue dar conta de todas as tendências e características culturais, no caso de todo um continente, mas permite, com seus impulsos, dar estímulos que serão elaborados sobretudo a partir de seu término. ■

Suzi Frankl Sperber é professora de Teoria Literária na Unicamp, autora de "Caos e Cosmos" (Duas Cidades) e "Guimarães Rosa — Signo e Sentimento (Ática, a ser lançado em breve).

aquilo que a representante da CEB chamou de "compromisso" entre representantes e representados? Eu acho que esta é a questão central nessas eleições. Eu acho que essas eleições deixarão de ser um evento meramente aritmético, uma espécie de olimpíada eleitoral, deixarão de ser isso para serem realmente uma coisa importante se os candidatos eleitos reformularem essa postura tradicional. É preciso imaginar novos moldes de relacionamento entre os políticos e os movimentos populares, pois é isto que está faltando no Brasil.

**Juscelino Silva Neto (PT):** Uma primeira coisa que eu acho que já está acontecendo é a análise dos partidos políticos e dos candidatos, pelo menos na área em que atuo. Agora, eu acho que só tem uma forma de controlar, que é a organização popular, de forma independente de qualquer partido. Eu acho que esta forma de organização e de conscientização é que vai poder mudar o rumo da política. Não existe uma forma pronta para evitar que continue existindo o que ocorreu até hoje. A forma é continuar a organização popular cada vez mais, e a conscientização do ponto de vista da maioria. É a organização popular que vai definir como vai dar-se essa fiscalização.

**José Luís Ávala (PTB):** Até agora não existiam partidos políticos. Existia só o "sim" e o "não". Estamos abrindo uma coisa nova, já que os partidos só vão começar a existir depois de 15 de novembro. O que eu posso falar é que nós, em Susano, estamos desde 1964 iniciando uma participação do povo e hoje, como consequência desta participação, realmente nasceram umas candidaturas para viver a política por dentro. Ou seja, nós participamos e incentivamos os outros a participarem.

**Rogê Ferreira (PDT):** Nós percebemos que a decantada abertura não foi mais do que uma conquista do povo, ela não foi dada por ninguém. Ela foi conquistada, por exemplo, por aqueles que em 1976 fizeram o manifesto da Ordem dos Advogados do Brasil condenando a ditadura. A abertura é uma conquista de todos esses movimentos, inclusive das Comunidades de Base. Eu quero concluir dizendo que acho válido que as Comunidades não

pertencam a um partido, qualquer que seja ele. Elas devem funcionar acima dos partidos, com base no futuro, até para preparar militantes de todos os partidos, porque essa é a beleza do regime de liberdades democráticas.

## A questão da terra

**João Servilho Pereira (CEB):** Eu queria que os partidos se posicionassem com respeito à questão da terra no Brasil, onde os movimentos reivindicatórios começam a se fortalecer e o governo massacra os posseiros com a Lei de Segurança Nacional.

**Juscelino da Silva Neto (PT):** Eu me sinto à vontade para falar sobre esta questão, e até para denunciar, porque eu sou vítima do problema. Eu nasci em Minas, e por não ter terra fui procurar terra no Paraná, e não encontrei. Quando a geada caiu em 1975 tive que vir para São Paulo, para trabalhar em uma metalúrgica. Quem controla o poder político são aqueles que têm terra, que têm fazendas, que têm fábricas. É por isso que quem está no poder não tem interesse em resolver o problema da terra. Para resolver esse problema é preciso uma mudança radical no sistema econômico e político. Não tem outra forma de mudar. É uma luta difícil porque nós não temos controle nenhum. Não controlamos os meios de comunicação, não temos controle sobre o Estado. O nosso único poder é o da união, que é um poder que estamos construindo.

**José Luís Ávala (PTB):** O problema é de participação. Pois aqui o povo não participa das decisões mais importantes. Não nos deixam decidir sobre os problemas deste povo que está sem terra, que não tem onde trabalhar, que tem uma migração tremenda e absurda. Um povo como o que vi no Norte do Brasil, que não tem o que fazer lá, que morre de fome e realmente é escravo daqueles

grandes latifundiários. Nós queremos uma participação real, autêntica, que não seja dar 10 ou 20 alqueires de terra, mas dar uma participação nas decisões administrativas e da agricultura. Como falou alguém há uns poucos dias, a agricultura pode ser a solução do Brasil, e se é assim vamos dar terra ao povo para que trabalhando ele encontre uma solução para o problema econômico do Brasil.

## Reformulação do Congresso

**Rogê Ferreira (PDT):** A pergunta do companheiro é objetiva, porque ela fala do problema da terra. Nós sabemos que o problema da terra é o grande problema, depois da corrupção — pois a corrupção nos custa cerca de 35% do orçamento, já que as obras públicas mais caras do mundo são as do Brasil por causa das comissões. Não é preciso fazer apenas uma reforma agrária e uma reforma urbana no Brasil, é preciso criar uma política agrária condizente com os problemas geográficos, com os problemas da terra propriamente dita. É uma questão política, porque o pequeno proprietário não tem condições para produzir, não tem meios de transporte, sua terra é longe dos meios de transporte. Hoje o atravessador chega e compra as plantações ainda no pé, o que é um crime, porque a laranja, por exemplo, vai apodrecer e cair do pé para que o atravessador possa manter o preço no mercado. O Brasil já não depende mais da reforma agrária, ele está dependendo de um posicionamento de conjunto para que nós possamos eleger um grande Congresso Nacional, eleger o maior número possível de deputados antiimperialistas, de senadores antiimperialistas, pois é no Congresso que se vai dar a grande batalha dessa etapa da luta pela libertação nacional. Na verdade nós somos um país colonial, colônia do imperialismo americano.

**José Gregori (PMDB):** Do ponto de vista programático, existem documentos de grande clareza, de grande firmeza, em que o PMDB se compromete com a reforma agrária. Mas na realidade isto é pouco, porque apenas arranha essa questão que é fundamental do Brasil de hoje, no qual a terça parte da população está totalmente marginalizada de qualquer participação no plano sócio-político-econômico. Acredito que a posição da Igreja Católica, consubstanciada no encontro de Itaici é o mais representativo e mais legítimo sobre a questão da terra. E a minha tarefa no PMDB é levar esta visão da Igreja para dentro do partido. ■



Ilustração: Carlos Clément





Ilustração: Mariza Dias Costa

## A chama do ódio

Em resposta ao telegrama do presidente Reagan, felicitando-o pelo seu 69.º aniversário, Begin afirmou que se sente como o chefe de "um valente exército diante de Berlim, onde Hitler e seu bando se achavam escondidos num bunker". (JB, 3/8/82)

Devo calar-me diante da destruição de Beirute?

Até agora se ouvem os gritos  
dos doentes mentais  
no 2.º andar do hospital bombardeado

Acaso não explodi em soluços  
num cinema do Lido

ao ver as crianças judias agarradas a seus brinquedos  
mulheres e homens judeus agarrados a seus pobres  
objetos de uso

Quando eram levados para os campos da morte?  
Até agora eles gritam no 2.º andar  
Queimados com bombas de fósforo  
que caíram do céu de Beirute

Não me enchi de revolta

ao saber de Treblinka e Auschwitz?

Lidice não é uma chaga para sempre aberta em meu  
peito de homem?

Por que devo calar-me  
Quando se reduz a ruínas a célebre Tiro  
de 3 mil anos de história?

Meu coração não bateu junto ao dos heróis judeus  
no gueto de Varsóvia?

Por que devo aceitar agora  
como um direito de Israel  
o massacre de Palestinos e Libaneses?

Israel dos kibutz fraternos  
tornou-se hoje um Estado guerreiro.

Valentão, arrogante, armado até os dentes,  
a todos desafia

Caminha pelo Oriente Médio com seu cinto de balas  
as pistolas à mostra  
Faz e desfaz  
Se apossa do que lhe apraz  
e

se alguém reage  
atira para matar

Israel cobra em sangue e arbítrio agora  
o holocausto passado.  
Está acima das leis.

Que respeito deve o judeu à humanidade  
se ela há vinte séculos o persegue?

Que importa a morte hoje  
de cem ou mil crianças libanesas  
em face do martírio secular do povo de Abraão?

Será isso o que pensam?

Dentre os bairros em escombros  
de seus tanques blindados

emergem sorridentes os jovens guerreiros de Begin.

Seus generais posam para o "Time"

mas é para os seis milhões de judeus mortos pelos nazistas  
que eles exibem no alto o ramo da vitória.

Tenho muitos amigos judeus  
e os prezo do fundo do coração.

Vi o Estado de Israel nascer  
como um ramo de esperança.

E é por isso que me pergunto:  
estarão insanos os líderes israelenses?

Por que se esforçam tanto  
para manter viva

a chama do ódio?

Rio, 26/6/82

Ferreira Gullar é poeta e crítico de artes plásticas, autor de "Poema Sujo" e "Na Vertigem do Dia" (Civilização Brasileira).